

Diário de Notícias

17-09-2013

O CONVIDADO

Um ministro sem estratégia



ACÁCIO PEREIRA

Presidente do Sindicato do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

Portugal debate-se na atualidade com um problema político e social gravíssimo. É um problema transversal a políticos de todos os partidos e, portanto, a todos os governos. É um problema que assenta em fragilidades, incompatibilidades e contradições, vãs promessas e pouco carácter. É, na sua agudeza, o principal problema de regime.

O problema é que a ação político-governativa em Portugal perdeu dimensão estratégica. É um processo longo e que, incompreensivelmente, tem vindo a piorar: já não é o fervor revolucionário a condicio-

nar as decisões; agora é apenas a mediocridade dos quadros partidários e, principalmente, daqueles que chegam a cargos ministeriais.

Verificamos que mesmo os políticos com maior peso nos partidos ou no Governo só respondem e gerem cada momento. Em atos de pura gestão corrente, focados na maximização de ganhos de imagem e de minimização dos danos para si próprios, iludem os cidadãos e contornam os problemas sem os resolverem, empurrando as decisões em função de oportunos mediáticos.

Há exceções, como em tudo, mas estas, infelizmente, são-no mais pelos métodos do que pelas finalidades.

Vejam o ministro da Administração Interna, Miguel Macedo. Num Governo frequentemente à deriva, elogiam-no pela sua mestria na gestão dos silêncios e das palavras. E dão-no por um dos melhores ministros, não por nenhum motivo especial, mas apenas porque não se tem envolvido em “baracas” e, quando outros andam nas

TV de calças na mão, ele mantém “uma postura sóbria de Estado”.

E todos lhe reconhecem uma coisa que ele sabe fazer como ninguém: gerir de forma muito diferenciada os diferentes órgãos sob sua tutela. A todos promete dar alguma coisa: a uns muito, a outros quase nada. Estão sob a sua alçada a Guarda Nacional Republicana (GNR), a Polícia de Segurança Pública (PSP) e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), com missões e objetivos distintos e definidos.

Esperava-se um tratamento equitativo destas forças, mas tem sucedido exatamente o contrário. O critério – e aqui voltamos ao princípio – não tem sido o interesse nacional, muito longe disso! Não há qualquer dimensão estratégica, ou reformista, na ação governativa. O critério é só a capacidade que certas forças têm, pela sua dimensão, de causar ruído na opinião pública.

Tem sido essa a ação governativa de Miguel Macedo: a GNR e a PSP (mais de 30 mil elementos cada uma) ameaçam e fazem barulho – cede! O SEF demonstra a penúria, sobretudo de elementos, com que está a proteger a segurança das nossas fronteiras – ignora!

Enquanto para uns todas as promessas e compromissos assumidos são efetivamente cumpridos –

das promoções às admissões de pessoal, das frotas de viaturas, passando por coisas tão inúteis como mudar as cores de veículos ou o tipo de chapéus –, para outros o dinheiro está mesmo congelado e é sempre motivo impeditivo

do que quer que seja.

Miguel Macedo, com aquela pose enfatuada e voz grave de confiança, cede sempre a quem fala mais alto. Quanto a sentido de Estado, estamos conversados. Estrategicamente, o grande contributo deste ministro para a segurança

em Portugal tem sido a mudança da cor do barrete ou da viatura.

Há, portanto, uma coisa que deve preocupar os portugueses. O SEF tem gerido de forma parcimoniosa o seu orçamento; dispõe de um quadro de inspetores com uma elevada preparação e prestação profissional; produziu dos maiores avanços tecnológicos da administração pública portuguesa nos últimos anos; tem reconhecimento internacional elevadíssimo; e confronta-se diariamente com um movimento nas fronteiras que não para de aumentar. E – o ponto é este! – como não admite um único inspetor há mais de dez anos, já não tem pessoal para cumprir a sua missão.

A isto Miguel Macedo não responde, apesar de a situação ter já ultrapassado o limite do admissível e de a segurança nas fronteiras portuguesas estar já, apesar de toda a abnegação dos inspetores do SEF, comprometida. Demitir-se-á, provavelmente, na sequência de uma catástrofe. Não será por falta de aviso.

“
O SEF não admite
um único inspetor
há mais de
dez anos”